

Identities lusófonas em rede: importância da internet na relação dos emigrantes portugueses nos EUA com a cultura de origem

The network of lusophone identity: importance of the Internet in respect of Portuguese immigrants in the U.S. with their culture of origin

Cátia Ferreira*

Resumo

Os fenómenos migratórios são uma das características do mundo global. Apesar da emigração existir há alguns séculos nunca foi tão intensa e complexa como actualmente. As melhorias dos meios de transporte e de comunicação são os principais factores para esta complexidade, hoje em dia os emigrantes têm a possibilidade de manter um contacto mais próximo com a cultura de origem. Neste trabalho procurámos perceber de que forma recorrem os emigrantes portugueses nos Estados Unidos à internet para manter o contacto com a cultura portuguesa, e que consequências é que essa alteração no modo de comunicar pode ter para a remediação da sua identidade cultural e para o aparecimento de identidades em rede. Para podermos chegar a uma conclusão relativamente à relação que se estabelece entre emigração e internet, analisámos dados estatísticos recolhidos através da aplicação de um inquérito por questionário a uma amostra da população portuguesa emigrada nos EUA utilizadora de novas tecnologias.

Abstract

The global world is characterized by migratory phenomena. Emigration exists since some centuries ago, but it has never been so intense and complex like now. This complexity is due to the better means of transportation and communication that are available nowadays and that give the emigrants the possibility of having a closer contact with their homeland. In this research we have tried to understand how the Portuguese emigrants in the United States use the internet in order to maintain contact with the Portuguese culture and which consequences this new way of communicate might have to the remediation of their cultural identity and to the development of network identities. Within the aim of achieving a conclusion on the relation between emigration and internet we have analyzed the data collected through an inquiry applied to Portuguese emigrants in USA users of new technologies.

Palavras-chave: emigrantes portugueses; Estados Unidos; Internet; contacto com a cultura portuguesa.

Keywords: Portuguese emigrants; United States of America; Internet; contact with Portuguese culture

* Centro de Estudos de Comunicação e Cultura, Universidade Católica Portuguesa | csaferreira@sapo.pt

Introdução

A emigração não é um fenómeno novo, nem apenas característico da actualidade, no entanto, não deixa de ter um carácter contemporâneo e de ser bastante complexo. A melhoria dos meios de transporte e de comunicação é o factor principal para esta complexidade, uma vez que hoje em dia os emigrantes têm a possibilidade de manter um contacto mais próximo com a cultura de origem.

A emigração é desde há muito tempo um fenómeno típico do povo português. Desde a época dos Descobrimentos que os portugueses se foram espalhando pelo mundo. Os dois fluxos principais que têm caracterizado a emigração portuguesa são o europeu e o transoceânico. O movimento transoceânico teve, durante muito tempo, como destinos principais o Brasil e a América do Norte, especialmente os Estados Unidos da América. Os destinos mais procurados pela corrente migratória intra-europeia têm sido a França e a Alemanha.

Tendo em conta a melhoria dos meios de comunicação, torna-se necessário perceber de que modo é que as novas tecnologias podem ser importantes para os emigrantes manterem contacto com o país de origem e dessa forma passarem por um processo de remediação da sua identidade cultural, o que poderá fomentar o desenvolvimento de identidades em rede.

A área geográfica escolhida para a análise da relação entre emigração e novas tecnologias foram os Estados Unidos da América. A escolha deste território foi baseada no facto de este ser um país muito marcado por fenómenos migratórios e também um dos destinos mais escolhidos pelos emigrantes portugueses. Outro motivo para esta escolha foi o facto de este ter sido o berço da internet e de ser um país com um elevado número de utilizadores desta tecnologia, mais de 210 milhões de utilizadores (Computer Industry Almanac, 2002).

Os dados que analisaremos foram recolhidos para um estudo de caso sobre a população portuguesa nos Estados Unidos da América e a utilização das novas tecnologias¹ através da aplicação de um inquérito por questionário a portugueses emigrados nos EUA utilizadores de internet. A aplicação do questionário foi feita através de correio electrónico e teve como objectivo contribuir para um melhor entendimento sobre como e com que propósito recorre esta população à internet para manter o contacto com a cultura portuguesa.

A análise que apresentaremos terá como objectivo perceber como se auto-representam os emigrantes portugueses nos EUA, de que maneira integram os valores e os modelos culturais da comunidade de acolhimento, e como se relacionam com a cultura de origem através da relação mediada por computador.

¹ Este estudo de caso foi desenvolvido para integrar a dissertação de mestrado intitulada «Formas de remediação da identidade cultural: a internet e os emigrantes portugueses nos EUA» (Cátia Ferreira, Universidade Católica Portuguesa, 2007).

Identidade cultural e emigração

A identidade é uma das questões mais importantes da contemporaneidade. Os fenómenos relacionados com a globalização têm feito com que estudiosos de diversas áreas se interessem por esta temática.

Stuart Hall, no seu ensaio «Identidade cultural e diáspora» (Hall, 2006: 21-35), afirma existirem pelo menos dois posicionamentos distintos para se pensar a identidade cultural. O primeiro defende que a identidade cultural é algo que se adquire e se partilha, mas que tem um carácter imutável; o segundo, pelo contrário, encara a identidade cultural como algo em permanente mutação devido à sua permeabilidade². Stuart Hall afirma estar mais de acordo com este segundo ponto de vista, que é aquele que subentende este trabalho de investigação.

A identidade cultural pode ser definida como as formas de pertença a uma colectividade, a um grupo de amigos, ou a um grupo nacional. Apesar de a identidade cultural não ser normativa, trata-se de algo intrínseco aos elementos de cada cultura, que partilham elementos culturais identitários, como: raízes, língua e valores. A partilha destes elementos permite a cada indivíduo sentir que faz parte de um grupo, ou seja, estes elementos geram o sentimento de pertença a uma cultura.

A identidade cultural pode, então, estabelecer a existência de um conjunto central de características que têm tendência a ser partilhadas por um determinado grupo de indivíduos. Apesar deste conjunto central, a identidade cultural de cada membro encontra-se num processo de construção constante, consoante as experiências por si vividas. A identidade cultural é um factor a ter em conta quando se analisam fenómenos migratórios, pois segundo Stuart Hall (cf. 2005: 47) um dos elementos-base na formação da nossa identidade cultural é a cultura nacional em que nascemos e nos desenvolvemos enquanto pessoas. Este elemento irá marcar a nossa identidade de forma perene, pois apesar de a identidade cultural ser fluida, há sempre alguns elementos identitários da cultura de origem que marcam o nosso desenvolvimento.

Assim, a identidade cultural não é fixa, mas sim porosa, sendo possível absorver aspectos de várias culturas no seio das quais se vive. Tal é o caso dos emigrantes, que ao saírem do seu país tiveram necessidade de aprender hábitos e valores de outras culturas. O melhor exemplo para ilustrar este facto é a necessidade de terem que adoptar, ou pelo menos tentar fazê-lo, uma nova língua, para poder comunicar com as pessoas do país de acolhimento.

² De acordo com Stuart Hall, a primeira posição relativa ao conceito de identidade cultural encara-a como «uma espécie de “verdadeiro modo de ser” colectivo, oculto, no seio de muitos outros “modos de ser” mais superficiais [...] que as pessoas com uma história e ancestralidade em comum partilhariam» (Hall, 2006: 22). Esta concepção defende que a identidade cultural é constituída com base na história e experiências culturais comuns de um povo, e que as suas principais características são a estabilidade, imutabilidade e continuidade (cf. Hall, 2006: 22). O segundo posicionamento face a este conceito que Hall nos apresenta vê a identidade cultural como um processo em constante mutação, «a identidade cultural é um “tornar-se” e não apenas um “ser”. Pertence tanto ao futuro como ao passado.» (Hall, 2006: 24).

De acordo com Stuart Hall (cf. 2003: 27), numa situação de diáspora é normal que as identidades se tornem múltiplas, pois, por um lado, a identidade cultural de origem não se esvanece por completo e, por outro, surge uma nova identidade resultante do processo de aculturação vivido pelos emigrantes. A esta mutação na identidade cultural de quem experimenta uma mudança como a oriunda da opção pela emigração, Hall designa de «hibridismo cultural, que é a combinação de elementos culturais heterogêneos em uma nova síntese» (Hall, 2003: 93). Isto é, a pessoa que reorganiza traços culturais pertencentes à sua cultura de origem com aspectos da cultura de acolhimento passa a possuir uma identidade cultural híbrida baseada numa cultura intermediária.

O espaço é outro dos elementos centrais na questão da identidade cultural. A localização como factor essencial para a construção da identidade é algo que contrasta com a noção de que o fluxo e a mobilidade são os novos espaços de construção da identidade (cf. Appadurai, 2004). Destes novos espaços de construção da identidade, marcados pela emigração em grande escala, surgem identidades resultantes da mestiçagem das pessoas, culturas e realidades. Ou seja, surgem culturas e identidades híbridas no sentido defendido por Néstor Canclini (1990), uma vez que o emigrante irá adoptar aspectos característicos da sociedade de acolhimento, mesclando-os com os que trazia da cultura de origem.

De seguida, analisaremos o fenómeno das comunidades migrantes, particularmente a portuguesa nos Estados Unidos, de modo a compreendermos melhor este processo de hibridação resultante da emigração e integração no país de acolhimento enquanto se mantém o contacto com a cultura de origem.

Comunidades portuguesas aculturadas

Uma das nacionalidades que faz parte do tecido imigrante dos Estados Unidos é a portuguesa. Os seus membros, tal como os de muitas outras origens, têm tendência para se reunir em comunidades que facilitam a preservação das origens, enquanto vão sendo integrados pela sociedade de acolhimento.

O conceito *comunidade* tem como definição, segundo um ponto de vista sociológico, um conjunto de pessoas que vivem num mesmo lugar ou que partilham algo que consideram importante, como uma religião, raça ou ocupação. Este é um conceito que tem sido estudado por vários teóricos, entre os quais destacamos Ferdinand Tönnies, Benedict Anderson e Zygmunt Bauman, cujas noções de comunidade iremos analisar de forma sucinta.

Ferdinand Tönnies centrou o seu estudo na distinção entre duas formas de os seres humanos se agruparem socialmente, a comunidade (*Gemeinschaft*) e a sociedade (*Gesellschaft*). Segundo este autor (cf. Tönnies, 2001), os pressupostos básicos de uma comunidade são: a proximidade no espaço, a existência de laços de sangue, ou seja, a partilha não só de uma origem comum, uma nacionalidade, mas também

de laços de consanguinidade, além da partilha de um modo de vida. Quanto à definição de sociedade, Tönnies aponta como factores principais a existência de um conjunto de objectivos a atingir, uma vez que a sociedade existe para desempenhar um papel de utilidade. Desta forma, a comunidade surge como algo mais instintivo, servindo de base à identidade cultural que é partilhada pelos seus membros, enquanto a sociedade se apresenta como uma forma de agrupamento mais racional e, simultaneamente, mais funcional, logo que pode ser vista como a base da civilização. De acordo com Ferdinand Tönnies (cf. Tönnies, 2001), na comunidade há a partilha de um entendimento, entendimento esse que faz com que as pessoas se mantenham unidas, ultrapassando tudo o que naturalmente as separaria.

Por sua vez, Benedict Anderson divulgou o conceito de «comunidade imaginada». Estas comunidades surgiram da convergência do capitalismo e da tecnologia de impressão, o que ocorreu, inicialmente, entre os séculos XVIII e XIX, mas que ainda tem efeitos hoje em dia, pois estas primeiras «comunidades imaginadas» alastraram-se, originando, praticamente, todas as sociedades contemporâneas (cf. Anderson, 1999: 157). Através do conceito de «comunidade imaginada» o autor defende a ideia de que não existe nada de orgânico nas comunidades, estas são criadas de forma a aproximar as pessoas, com base em rituais aglutinadores, como festas, celebrações e processos mnemónicos. Assim, a comunidade surge como algo dotado com um valor simbólico muito grande, sendo estruturada com base neste mesmo valor.

Zygmunt Bauman estudou a comunidade na perspectiva desta ser um refúgio, um lugar onde, nos dias de hoje, nos podemos sentir a salvo: «[...] a comunidade é um lugar “cálido”, um lugar confortável e aconchegante.» (Bauman, 2003: 7). Apesar de Bauman descrever a comunidade como algo bom, positivo, ele sublinha o facto de já não existirem comunidades como antigamente, na sociedade actual as pessoas são cada vez mais individualistas. No entanto, ainda existem comunidades, mas não são naturais, são construídas pelo homem com um propósito específico – as comunidades são construídas como um lugar onde se pode estar seguro, num mundo cada vez mais global, a comunidade é o que nos transmite a sensação do local. Mas estas comunidades construídas nem sempre conseguem cumprir os seus objectivos: «[...] nenhum agregado de seres humanos é sentido como “comunidade” a menos que seja “bem tecido” de biografias partilhadas [...] e uma expectativa ainda mais longa de interação frequente e intensa» (Bauman, 2003: 48). Ou seja, para que se possa falar de comunidade é preciso que os seus membros partilhem aspectos das suas vidas entre si e que interajam com frequência.

Um dos fenómenos que gera muitas vezes a construção de comunidades é o da imigração. As pessoas que vivem uma situação de imigração têm tendência a aproximar-se e constituir uma comunidade quer com propósitos de culturais, como a manutenção da cultura de origem, quer de entreajuda, como facilitar a integração a imigrantes recém-chegados ou ajudar membros da comunidade mais desfavorecidos, entre outros.

A maioria dos portugueses imigrados nos Estados Unidos encontra-se concentrada em comunidades que procuram manter algumas características da identidade

cultural portuguesa. Essas comunidades têm diversos propósitos, mas um objectivo comum – perpetuar valores, tradições, aspectos peculiares da cultura portuguesa. No entanto, a maioria dos elementos dessas comunidades procuram integrar-se simultaneamente na sociedade de acolhimento.

A partilha de experiências que estas comunidades permitem é muito importante para quem vive uma situação de imigração. Isto faz com que ao longo do tempo se vá gerando uma identidade cultural comunitária, pois estão todos afastados do país de origem, a viver uma situação de emigração num mesmo país e a procurar uma integração na sociedade que os acolheu, sem abandonar aspectos culturais que trouxeram do seu país natal. Assim, os emigrantes assumem que a sua identidade cultural já não é portuguesa, mas sim portuguesa com vivências norte-americanas.

Os imigrantes possuem o que Homi Bhabha designa por *culture in-between* (Bhabha, 1997: 53-60), ou seja, uma cultura intermediária, entre a origem e o novo país. Isto é, culturalmente os imigrantes distanciaram-se da sua pátria, pois decidiram ir viver para um outro país que tem, à partida, uma cultura própria, mas devido à sua condição de emigrantes dificilmente conseguem absorver toda esta nova cultura, esquecendo a do país de origem. Contudo, isso só é difícil para quem criou laços com as origens, uma criança que tenha emigrado com os pais quando ainda era pequena não possui essa vinculação tão estreita à cultura de origem, sendo mais fácil assimilar a cultura do país de acolhimento. Esta cultura intermédia entre a de origem e a de acolhimento é o resultado da imigração, juntamente com o processo de aculturação vivido por estes imigrantes.

Além de terem uma cultura que se encontra entre o país de origem e o de acolhimento, os emigrantes vivem também num não-lugar, no sentido conferido por Marc Augé (cf. Augé, 2005: 73). Por se encontrarem num não-lugar os emigrantes procuram o conforto da comunidade. Esta serve de refúgio para aqueles que se encontram afastados das suas origens, dando-lhes, como referiu Bauman, a percepção do espaço local.

Não podemos afirmar que todos os emigrantes portugueses a viver nos Estados Unidos tenham sido sujeitos ao mesmo processo de inserção sócio-cultural, mas a maioria deles acabou por integrar aspectos dessa cultura para onde decidiu ir viver, sendo os mais comuns a língua e certos padrões de comportamentos. Um outro aspecto bastante interessante e que é revelador de uma integração na sociedade de acolhimento é o facto de muitos emigrantes portugueses terem mudado os seus nomes, para que estes se assemelhassem aos dos nativos. Este fenómeno não é de agora, mas a sua ocorrência data do início dos grandes fluxos migratórios com este destino. Alguns dos nomes que têm sofrido alterações são: José – Joseph; Luís – Lewis; Maria – Marie; Luísa – Loise. Quanto a apelidos: Pavão – Peacock; Pereira – Perry; Ferreira – Ferry; Oliveira – Oliver; Rodrigues – Rogers. Estes são apenas alguns exemplos deste tipo de alterações (cf. Almeida, 1997: 119-122).

Muitas destas comunidades de emigrantes portugueses nos Estados Unidos encontram-se bem organizadas e já recorrem às novas tecnologias para dar parte da sua existência. Uma pesquisa na internet permite-nos ter consciência deste facto. Ao

analisarmos alguns dos *sites* de comunidades de emigrantes portugueses nos EUA, reparamos que de facto há uma tentativa de perpetuar costumes e tradições portuguesas, mas é notório que houve um processo de adaptação, o que torna este aspecto tão evidente à primeira vista é o facto da maioria das páginas de internet destas associações estarem escritas em inglês.

A emigração, característica da actualidade, tem originado novos emigrantes que são «espectadores desterritorializados» (Appadurai, 2004), uma vez que estes cada vez mais recorrem aos meios de comunicação de massa para manterem o contacto com o país e a cultura de origem. Ou seja, estes emigrantes acabam por viver em «mediapaisagens» (Appadurai, 2004), a sua pátria passa a ser imaginada e mediada através destes meios de comunicação, o que despoleta o aparecimento de identidades em rede. Apesar de estas serem características gerais dos fenómenos migratórios actuais, elas são particularmente aplicáveis à população de estudo deste trabalho de investigação, os emigrantes portugueses nos EUA.

De forma a compreendermos melhor a relevância que os novos media digitais podem ter para os emigrantes e para a remediação da sua identidade cultural, de seguida procuraremos estabelecer a ligação entre a internet e a comunicação intercultural.

Internet e comunicação intercultural: ponte entre emigrantes e Portugal

A história da evolução do ser humano está intrinsecamente relacionada com o desenvolvimento dos modos e meios de comunicação. Os novos meios de comunicação de massa conferem-nos uma capacidade quase ilimitada para comunicar, até as distâncias geográficas e culturais já podem ser atenuadas perante tecnologias como a internet: «As novas tecnologias de informação e comunicação impulsionaram a existência de uma sociedade sem espaço e sem lugar definidos (...)» (Oliveira *et al*, 2004b: 75).

A internet é uma rede electrónica de computadores a nível mundial, com a capacidade de ligar milhares de computadores entre si. Esta capacidade fez com que este seja um dos meios de comunicação social que teve um crescimento, no que diz respeito ao número de utilizadores, mais acentuado num menor espaço de tempo:

Na história dos media, [a internet] é aquele médium que até hoje teve um crescimento mais rápido. Em cinco anos atingiu uma população média de 50 milhões de utentes, quando, para atingir esses valores, a rádio levava 38 anos, a televisão, 13 anos e o computador pessoal, 16. (Oliveira *et al*, 2004b: 83)

O crescimento muito rápido de um meio de comunicação provoca grandes mudanças na forma como comunicamos. A história do desenvolvimento da internet mostramos que o seu crescimento foi muito rápido. O estudioso Howard Rheingold até o compara com uma colónia de bactérias, no sentido em que tudo nesta tecnologia

ocorreu em ritmo acelerado: a capacidade técnica para a transmissão de informação, as diferentes utilizações que as pessoas fazem dela, bem como o seu crescente número de utilizadores (Rheingold, 2000: xxiii).

A internet veio alterar a forma como comunicamos e «fazer do mundo um só local» (Oliveira *et al*, 2004a: 20). Este novo meio de comunicação veio concretizar a utopia da aldeia global profetizada por Marshall McLuhan nos anos 60. Hoje em dia é possível comunicar com pessoas que se encontrem geograficamente distantes, bem como com pessoas culturalmente diferentes, sem restrições, a internet e todas as plataformas de interacção em tempo real, criadas para funcionar nesta rede global, permitem que esta ausência quase total de fronteiras na comunicação seja possível.

A generalização do uso da internet revela que as pessoas sentem a necessidade de interagir umas com as outras. Esta interacção vai para além das relações pessoais de cada um e dos contactos que se estabelecem no dia-a-dia. As pessoas procuram uma interacção a nível global, sem distinção de culturas, de etnias. Além de novas formas de comunicação, a internet levou ao aparecimento de novos padrões de interacção social (cf. Castells, 2004: 145). Cada vez mais a internet é um meio potenciador do desenvolvimento de um campo específico da comunicação humana, a comunicação intercultural.

De forma a percebermos a importância da comunicação intercultural, é importante entendê-la à luz da teoria da interacção social do sociólogo Erving Goffman. Goffman desenvolveu uma abordagem sociológica no âmbito da interacção simbólica – os rituais de interacção social. O objectivo desta abordagem era estudar a interacção humana no cenário social. O ponto de partida deste estudo foi o conceito de *interaction order* que está relacionado com as interacções sociais que preenchem a nossa vida quotidiana:

Every person lives in a world of social encounters, involving him either in face-to-face or mediated contact with other participants. In each of these contacts, he tends to act out what is sometimes called a *line* – that is, a pattern of verbal and nonverbal acts by which he expresses his view of the situation and through this his evaluation of the participants, especially himself. (Goffman, 1967: 5)

A interacção social é entendida por Goffman como o que se pode retirar de uma situação social, ou seja, de um ambiente onde duas ou mais pessoas estão em presença física umas das outras: «By definition, we can participate in social situations only if we bring our bodies and their accoutrements along with us [...]» (Goffman, 1983: 4). Assim, o contacto face-a-face é essencial para que haja uma ordem de interacção (cf. Goffman, 1983: 2). A definição de interacção face-a-face deixa implícita a necessidade de haver uma proximidade circunscrita no espaço e no tempo entre os elementos dessa interacção.

De acordo com Goffman, a melhor maneira de se estudar a ordem de interacção é seguindo a abordagem dramaturgica. Isto é, analisar a interacção social à luz da

metáfora do teatro. Cada elemento do episódio de interacção social representa um papel como sendo uma face: «The term *face* may be defined as the positive social value a person effectively claims for himself by the line others assume he has taken during a particular contact. Face is an image of self delineated in terms of approved social attributes [...]» (Goffman, 1967: 5).

Os rituais de interacção social estão associados ao processo de ritualização social. Os seres humanos tiveram a necessidade de padronizar os seus comportamentos corporais e verbais através da socialização. Todos os participantes numa interacção levam consigo uma série de crenças e comportamentos que serão partilhados com os outros intervenientes. Como este facto é inevitável, podemos afirmar que se trata de uma condição necessária à interacção (Goffman, 1983: 4). Consoante os interlocutores dessa interacção há uma série de ajustes que se vão fazendo para que a interacção seja bem sucedida, por exemplo: adaptamos o nosso vocabulário e expressões corporais consoante as pessoas com as quais estejamos a interagir, bem como consoante o contexto dessa interacção.

Uma situação de comunicação intercultural é uma interacção social, e tal como Goffman defendeu, também para esta interacção são desenvolvidos rituais. No entanto, estes rituais não têm que ser necessariamente face-a-face, podem ser mediados por computador, o que faz com que a presença física não seja um factor necessário para a interacção intercultural.

A comunicação intercultural começou por ser uma área que se dedicava ao estudo da comunicação interpessoal. No entanto, os avanços tecnológicos e informáticos fizeram com que actualmente seja crucial reflectirmos sobre as formas como a cultura influencia o sucesso da transmissão de mensagens através de diferentes canais, que já não são apenas os tradicionais. A internet surge como o canal mais inovador e complexo para este campo de estudo. A comunicação mediada por computador é à partida diferente da interpessoal, o contacto entre os vários interlocutores é de natureza diferente, logo há um conjunto de capacidades comunicativas que tem que ser adaptado, tal como acontece noutros tipos de comunicação mediada, como a via telefone. Numa conversa telefónica temos que substituir a nossa linguagem corporal por interjeições ou tons de voz que transmitam essa parte da mensagem, ou então corremos o risco dessa ser perdida. A comunicação mediada por computador através de diferentes plataformas disponíveis com o aparecimento da internet está também a provocar alterações na forma como comunicamos. O uso recorrente destas novas tecnologias de interacção está a despoletar a adaptação da linguagem a este novo meio. Ajustes de linguagem e desenvolvimento de uma linguagem de base pictórica estão a tornar-se cada vez mais evidentes. A linguagem usada no ciberespaço tende a ser concisa através do recurso a abreviaturas e à supressão de algumas letras desde que isso não afecte a pronúncia das palavras, aspecto que as torna reconhecíveis. Para além desta concisão alfabética, actualmente são usadas de forma global algumas siglas de origem anglófona, como por exemplo «lol» (*laughing out loud*), utilizado como interjeição de riso e bom humor, e «asap» (*as soon as possible*), signifi-

cando «logo que possível». Esta nova linguagem é complementada com recurso a ícones pictóricos, cujo significado é partilhado pelos utilizadores desta tecnologia e também por utilizadores do serviço de mensagens escritas dos telemóveis. Estes símbolos são comumente designados por *smiles* e são usados com o objectivo de conferir entoação ao que escrevemos.

Uma outra questão que surge na reflexão sobre a comunicação intercultural mediada é o facto de os meios de comunicação não serem aculturais. Isto é, existem aspectos culturais, códigos e valores que determinam o tipo de informação que circula num determinado meio, não só os conteúdos mas a forma como esses conteúdos são transmitidos. Por exemplo, entre a pessoa que navega na internet e o *site* que ela visita estabelece-se um acto de comunicação intercultural, pois a informação que lhe é transmitida e a forma como isso acontece está repleta de elementos culturais do criador dessa página. Este aspecto torna-se mais notório quando a origem cultural de quem navega e de quem construiu o *site* são muito diferentes. A partir deste exemplo podemos afirmar que alguns *sites* da internet funcionam como meios de comunicação étnico-culturais³. Este aspecto é de grande importância para um grupo específico de pessoas, os emigrantes, pois através de alguns *sites* conseguem estreitar os laços com a pátria, tendo acesso a informação, valores e símbolos característicos do seu país de origem. O facto de estes *sites* permitirem aos emigrantes um contacto mais próximo com as suas origens não dificultará a sua boa integração na sociedade de acolhimento, mas permitir-lhes-á integrar-se sem perder as raízes da sua identidade cultural original.

Novas tecnologias e mediação da identidade cultural

Actualmente, podemos afirmar que os meios de comunicação electrónicos e as tecnologias de informação transformaram as relações económicas e sociais de tal forma que as barreiras culturais e económicas foram minimizadas. Uma outra mudança oriunda deste avanço tecnológico ao nível das comunicações é o facto de antigamente as ideias, e mesmo as tecnologias, demorarem anos, décadas e até séculos a serem difundidas por todo o mundo, enquanto hoje em dia, com a internet esse espaço de tempo foi reduzido para minutos, e até segundos. Através dos novos meios de comunicação uma notícia consegue chegar a todo o mundo num instante. Por exemplo, um acontecimento que tenha lugar num determinado país consegue afectar os mercados financeiros do outro lado do mundo. Este exemplo alerta-nos para

³ A maioria dos *sites* constituintes da *world wide web* podem ser vistos como meios de comunicação étnico-culturais, mais até do que os meios de comunicação tradicionais, pois como a sua construção e disponibilização *on-line* é mais espontânea, não são alvo de tanta regulamentação e controlo, ao contrário dos outros meios de comunicação que são sujeitos a um conjunto de normas de funcionamento mais estritas. Assim, estes *sites* transmitem com maior liberdade aspectos distintivos da identidade cultural e étnica de quem os cria, como por exemplo: língua, símbolos, tradições e valores.

a importância do papel desempenhado pela internet na distribuição da informação de uma forma rápida e imediata por todos aqueles que têm acesso a esta tecnologia. Mas por outro lado, esta rapidez na propagação de informação tem uma faceta também perigosa, não só porque uma informação falsa pode ser transmitida como se fosse verdadeira, mas também porque permite que movimentos com fins pouco claros, como os relacionados com o terrorismo internacional, fiquem mais poderosos, uma vez que conseguem transmitir os seus ideais, recrutar simpatizantes e parceiros para as suas acções e planejar os seus actos de uma maneira muito mais rápida e eficaz.

A internet é crucial no âmbito da comunicação intercultural, mas apesar disto esta relação ainda não foi muito investigada, havendo ainda muitas incertezas sobre a dimensão da sua relevância, bem como relacionadas com o funcionamento desta parceria. Uma das questões que se levanta é se o contacto que se estabelece através deste meio é realmente intercultural ou se será intracultural. Apesar de defendermos que estes contactos são maioritariamente interculturais, é preciso admitir a possibilidade de serem dos dois tipos. A diferenciação destes tipos está relacionada com os interlocutores da cadeia comunicativa, pois a comunicação mediada por computador pode ter diversas características, como ser interpessoal ou entre uma pessoa e uma página de internet.

Os *sites* presentes na *world wide web* apesar de serem construídos por pessoas, quando são visitados não dão origem a comunicação interpessoal, pois quem navega comunica com a página e os seus conteúdos e não directamente com o autor desses conteúdos. Ou seja, quem navega interpreta a informação à qual tem acesso de uma maneira pessoal, não há troca de ideias com o autor dessa informação, podemos dizer que a informação é transmitida num só sentido⁴. Portanto, de forma a transmitirem bem o seu propósito e de comunicarem bem com quem os visita, os *sites* disponíveis na internet devem ser alvo, aquando da sua construção, de um cuidado na escolha das imagens, cores e palavras, bem como na sua organização interna. Se essa escolha e disposição dos elementos for aleatória, grande parte da informação que será mal transmitida ao seu visitante, o que pode gerar confusões e mal-entendidos.

Perante isto, a internet e os *sites* que povoam a *world wide web* constituem um importante meio de comunicação intercultural e nesse sentido podemos relacionar a internet com dois conceitos-chave dos estudos pós-coloniais – a internet pode ser vista como uma zona de contacto, no sentido de Mary Louise Pratt, e também como um terceiro espaço no sentido de Homi Bhabha.

Mary Louise Pratt definiu o conceito zona de contacto na sua obra *Imperial Eyes: Studies in Travel Writing and Transculturation* (1992). De acordo com esta autora *contact zone* é:

⁴ Há *sites* que permitem aos seus visitantes deixarem sugestões ou comentários, nesses casos a comunicação não é directa, mas sim deferida, mas no entanto nesses casos a cadeia comunicativa pode ter dois sentidos, pois o visitante deixa a sua opinião, o gestor/criador do *site* lê esse comentário e pode responder, entrando assim em diálogo indirecto com o visitante do *site*.

[A] space of colonial encounters, the space in which peoples geographically and historically separated come into contact with each other and establish ongoing relations, usually involving conditions of coercion, radical inequality, and intractable conflict. (Pratt, 1992: 6-7).

A internet pode ser entendida como uma zona de contacto uma vez que é um meio facilitador do contacto entre culturas diferentes e geograficamente distantes, e que de outra forma dificilmente seriam culturas em contacto. Neste contacto estabelecido através da internet podem também existir situações de desigualdade, conflito e antagonismo, uma vez que a relação é estabelecida com base em elementos dialógicos.

Por sua vez Homi Bhabha definiu o *third space* na sua obra *The Location of Culture* (2004) e entende-o como sendo essencial na acção comunicativa:

The production of meaning requires that these two places be mobilized in the passage through a Third Space, which represents both the general conditions of language and the specific implication of the utterance [...] (Bhabha, 2004: 53).

A internet além de ser uma preeminente zona de contacto pode também ser vista como um terceiro espaço, espaço esse que se estabelece na comunicação entre duas pessoas que comunicam através deste meio, ou então entre a pessoa que navega numa determinada página e essa mesma página. Este terceiro espaço é caracterizado também pelo diálogo e por vezes por situações de conflito adjacentes a essa condição dialógica. Devido a estas características podemos considerar que o terceiro espaço é propício à criação de novos elementos identitários.

Jay David Bolter e Richard Grusin apresentam uma teoria alternativa à ideia de que a internet pode ser um terceiro espaço e uma zona de contacto intercultural. Para estes dois autores a internet, e o ciberespaço, mais concretamente, constituem um não-lugar, no sentido conferido por Marc Augé a esta expressão (Augé, 2005: 73), ou seja, para Bolter e Grusin a internet é um espaço que possui aspectos culturais que não são fixos:

Cyberspace is not, as some assert, a parallel universe. It is not a place of escape from contemporary society, or indeed from the physical world. It is rather a nonplace, with many of the same characteristics as other highly mediated nonplaces (Bolter e Grusin, 2000: 179).

Ao definirem a internet como um não-lugar estão a considerá-la um espaço cujo sentido cultural é criado por todos aqueles que a *atravessam* deixando a sua marca neste não-lugar.

Bolter e Grusin definiram também alguns conceitos que consideramos chave para o entendimento da estreita relação entre a internet e a comunicação intercultural – *remediation* e *hypermediacy*. De acordo com estes dois autores, a mediação consiste na representação de um meio através de outro meio, e esta é uma das característi-

cas principais dos novos meios de comunicação digitais. Bolter e Grusin foram buscar este conceito a Paul Levenson, mas adaptaram-no:

Remediation - Defined by Paul Levenson as the “anthropologic” process by which new media technologies improve upon or remedy prior technologies. We define the term differently, using it to mean the formal logic by which new media refashion prior media forms. Along with immediacy and hypermediacy, remediation is one of the three traits of our genealogy of new media (Bolter e Grusin, 2000: 273).

A remediação recorre a duas estratégias para ser bem sucedida, a imediação e a hipermediação. A imediação é um estilo de representação visual que tem como objetivo fazer com que o espectador se esqueça da presença do meio, ou seja, idealmente o espectador entra em contacto directo com a informação que lhe é transmitida esquecendo-se que essa transmissão ocorre através de um suporte (cf. Bolter e Grusin, 2000: 272). Por sua vez a hipermediação é um estilo de representação visual que procura lembrar o espectador da existência de um meio a canalizar a mensagem que ele está a receber. Ou seja, os novos meios de comunicação digitais para serem eficazes na remediação tanto têm como meta fazer com que o espectador se lembre, tal como se esqueça da existência de um meio entre ele e a informação que está a ser transmitida (cf. Bolter e Grusin, 2000: 272). Estes dois aspectos parecem à primeira vista contraditórios, mas no entanto ambos são igualmente importantes para o sucesso da remediação, e os dois estão dependentes da relação que se estabelece entre a informação que está a ser transmitida e o meio através do qual isso está a acontecer.

Uma das facetas da remediação é a remediação da identidade, uma vez que «we see ourselves today in and through our available media» (Bolter e Grusin, 2000: 231). Contudo, isto não quer dizer que a nossa identidade seja totalmente determinada pelos *media*, o ser humano utiliza os meios de comunicação de massa como um veículo que o ajuda a definir tanto a sua identidade pessoal, como a cultural. O facto de nos revermos nos *media* faz com que tomemos consciência de aspectos da nossa identidade, da nossa cultura, e isso pode despoletar mudanças nas nossas ideias e valores:

We can define ourselves through the converging communication technologies of the telephone and the Internet. Whenever our identity is mediated in this way, it is also remediated, because we always understand a particular medium in relation to other past and present media (Bolter e Grusin, 2000: 231).

Neste sentido podemos ver a internet como um veículo importante para a remediação da identidade. Esta remediação torna-se mais notória quando nos encontramos num contexto de comunicação intercultural, uma vez que esta situação só por si tem tendência a ter um maior sucesso se estivermos atentos a determinados elementos característicos da nossa própria cultura.

Emigrantes portugueses nos EUA e internet

A utilização de novas tecnologias faz cada vez mais parte do nosso quotidiano. De forma a percebermos a importância que a internet pode ter para todos aqueles que se encontram numa situação de emigração analisaremos os resultados obtidos através da aplicação de um inquérito por questionário.

Os dados que iremos analisar são provenientes de um estudo realizado com recurso ao inquérito por questionário que procurou caracterizar a utilização que é feita da internet por parte dos emigrantes portugueses nos Estados Unidos. O estudo de cariz exploratório teve um universo composto por portugueses emigrados nos Estados Unidos da América com acesso à internet. A amostra extraída deste universo é constituída por 151 indivíduos, tratando-se de uma amostra não representativa, pois não sabemos se a amostra reflecte todas as características da população em causa. Neste estudo dificilmente conseguiríamos ter uma amostra representativa, uma vez que o método usado para a selecção dos membros da amostra foi pouco convencional. Como não foi possível ter acesso a uma base de sondagem que fornecesse uma lista de todos os emigrantes portugueses nos EUA com acesso à internet, o método usado para conseguir entrar em contacto com os elementos da amostra foi procurar os seus endereços de correio electrónico em *sites* de universidades, escolas e jornais de comunidades portuguesas neste país. Depois de um primeiro contacto foi possível determinar se as pessoas contactadas se encaixavam nos critérios de inclusão da amostra e só após se ter verificado isto, bem como a sua vontade em colaborar, é que foi enviado o questionário por correio electrónico. Os critérios de inclusão usados na constituição desta amostra foram: pessoas com idades a partir dos 15 anos, de origem portuguesa e emigrados nos Estados Unidos há pelo menos 4 anos, e que tenham acesso à internet ou pelo menos uma conta de *e-mail*.

O local de aplicação dos inquéritos foi o ciberespaço e os dados foram recolhidos entre Fevereiro e Junho de 2007. Como se tratou de um inquérito digital aplicado a pessoas que se encontram geograficamente distantes, esta aplicação ocorreu de forma não acompanhada.

O inquérito aplicado era composto por 46 itens, organizados em duas partes. A primeira parte, constituída por 21 perguntas, pretendia recolher informação que caracterizasse os inquiridos. O primeiro grupo de perguntas desta parte tinha o objectivo de delinear a caracterização sócio-demográfica dos inquiridos através de questões como: sexo, idade, nível de escolaridade e zona de residência. O propósito do segundo grupo de questões foi caracterizar os inquiridos ao nível da sua identidade cultural e da sua condição de emigrante. Neste grupo, constavam perguntas relacionadas com: tipo de identificação com a cultura de origem; processo de habitação ao novo país; ligação a alguma comunidade de emigrantes portugueses nos Estados Unidos; e tipo de contacto que têm com o país de origem. No final deste grupo surgia uma questão que procurava estabelecer a ligação com a segunda parte do questionário e que dizia respeito ao hábito de utilizar a internet. A segunda parte

do inquérito era formada por 24 questões que procuraram analisar, num primeiro grupo de perguntas, que tipo de utilização os inquiridos fazem da internet. No segundo grupo, o objectivo foi perceber de que forma é que os inquiridos utilizam o *site* da sua comunidade, caso pertençam a alguma e essa tenha *site*. O inquérito foi disponibilizado em duas línguas – inglês e português.

A nossa amostra foi constituída por 55% de elementos do sexo masculino e 45% do feminino, organizados etariamente da seguinte forma: 15 a 24 anos: 5%, 25 a 39 anos: 31%, 40 a 54 anos: 41% e mais de 55 anos: 23%. Quanto ao nível de escolaridade, 72% afirmou ter formação de nível superior, 20% de nível secundário e 8% de nível básico. Relativamente à zona de residência, os inquiridos referiram 14 estados, dos quais se destacaram: Massachusetts (41%), Califórnia (25%) e New Jersey (13%).

A maioria dos inquiridos demonstrou procurar manter contacto com a cultura portuguesa (85%), mesmo apesar de o inglês ser a língua que mais dizem usar. A predilecção por esta língua foi vista em aspectos como a escolha da versão do inquérito a responder – 66% optou por responder à versão inglesa, bem como através de perguntas directas sobre a língua que mais usam para realizar determinadas actividades na internet. A excepção deu-se quando perguntámos qual a língua que usam habitualmente para pesquisar informação sobre Portugal, aí verificou-se uma percentagem mais elevada de inquiridos que disse fazê-lo em português (31%).

Além do uso da língua do país de acolhimento, a maioria dos inquiridos (67%) revelou estar próximo da cultura americana, mesmo apesar de não revelar um grande distanciamento face à portuguesa. Estes dados conduzem-nos à conclusão que a maioria dos inquiridos passou por um processo de integração na sociedade de acolhimento não tendo perdido o contacto com a cultura de origem.

Através da interpretação dos dados recolhidos neste inquérito, percebemos que os emigrantes portugueses reflectem a tendência das comunidades migrantes para se juntarem. A maioria dos portugueses inquiridos (85%) admitiu já conhecer outros emigrantes neste país antes de emigrarem, o que facilita o processo de adaptação ao novo país. Outro reflexo da necessidade que os emigrantes têm de se unir é o facto de a maioria dos inquiridos pertencer a uma associação cultural destinada a emigrantes portugueses nos EUA (53%).

A internet é um dos meios de comunicação apontados como mais usados e mais importantes para o contacto com Portugal e com a cultura portuguesa. Contudo, apesar da sua rápida evolução, este meio ainda não conseguiu superar o telefone e a televisão, talvez devido ao facto de ser mais recente. Dos vários tipos de utilização possível da internet, os inquiridos disseram recorrer a esta essencialmente para procederem ao envio de *e-mails* (78%) e para pesquisarem informações relacionadas com o país de origem (65%).

A maioria dos inquiridos afirmou considerar a internet uma mais-valia para os emigrantes (76%), sendo esta vista como uma tecnologia que atenua as barreiras culturais, que facilita o conhecimento de novas culturas e de contactos interculturais.

Depois de colocadas questões que pretendiam traçar o perfil dos inquiridos enquanto «internautas», procurou-se caracterizar os *sites* das suas associações de

emigrantes e a utilização que fazem destes. A maioria dos inquiridos pertencentes a comunidades de emigrantes afirmou que a sua associação tem *site* e que costuma visitá-lo (40%). Os conteúdos apontados como os mais procurados são as notícias sobre as actividades da comunidade. Contudo, quando questionados acerca da importância da existência de *sites* das comunidades emigrantes, a maioria optou por dizer que não sabia/não respondia (38%). A resposta a esta questão pode ser justificada pela falta de actualização que verificámos em alguns dos sites de comunidades emigrantes portuguesas nos EUA quando fizemos uma pesquisa para tentar perceber o porquê da maioria dos inquiridos deste estudo ter dado esta resposta.

Os resultados obtidos neste estudo exploratório permitem-nos caracterizar a relação dos emigrantes com a internet e perceber a importância que este novo media pode ter para quem se encontra afastado da sua pátria. A internet é vista pela maioria dos inquiridos como uma ferramenta que permite um contacto mais fácil com a cultura de origem, podendo, assim, propiciar uma remediação da sua identidade cultural. Esta tecnologia surge como um meio facilitador e atenuador de distâncias geográficas, permitindo um contacto mais próximo com a pátria. Esta aproximação ao desenvolver-se em paralelo com a integração no país de acolhimento conduz ao aparecimento de identidades híbridas. Hibridação essa que é resultante do facto de a internet enquanto zona de contacto fomentar o desenvolvimento de culturas intermediárias e de identidades com novas características.

Conclusão

As novas tecnologias de informação e comunicação, como a internet, facilitam a remediação da identidade cultural dos emigrantes ao promoverem um contacto mais próximo com a cultura de origem e permitirem que os emigrantes se auto-identifiquem como membros de uma «comunidade imaginada» que os liga tanto à cultura de acolhimento como à de origem.

Os Estados Unidos da América foram um dos principais vectores da emigração portuguesa do século XX. O número de emigrantes portugueses neste país é muito elevado, e como se trata de um país onde o recurso às novas tecnologias, como a internet, se encontra bastante difundido, considerámos que a população portuguesa emigrada nos Estados Unidos constituía um objecto de estudo propício tendo em conta que o nosso objectivo era perceber a importância da internet para a construção da identidade cultural dos emigrantes portugueses no país de acolhimento e constatar o aparecimento de identidades em rede – rede essa que se estabelece entre o país de origem e o de acolhimento com recurso a novas tecnologias digitais.

A forma como os emigrantes portugueses comunicam está a mudar, o recurso à internet parece estar cada vez mais generalizado. Este novo meio de comunicação é apontado por muitos emigrantes como um dos meios mais utilizados no contacto com a cultura de origem, promovendo assim situações de diálogo intercultural que

fomentam o desenvolvimento de identidades em rede. Estas identidades são caracterizadas pelo facto de se estabelecerem através do contacto mais próximo que conseguimos ter com a pátria através da internet, tratando-se de identidades híbridas e intermediárias desenvolvidas entre o país de acolhimento e o de origem. É através do processo de remediação que ocorre quando recorremos à internet para manter contacto com a cultura de origem que estas novas identidades se vão construindo.

A internet surge assim como uma ferramenta que deverá ser explorada enquanto meio de apoio para todos os que se encontram numa situação de emigração. Esta tecnologia permite, por um lado, um melhor conhecimento prévio do país de destino, e por outro, um contacto mais próximo e directo com a cultura de origem. Ao analisarmos uma amostra não representativa da população portuguesa emigrada nos EUA percebemos que esta tem já uma relação próxima com este novo media e que o vê como uma ferramenta de comunicação importante para conseguir manter um contacto directo e diversificado com a cultura de origem. Através deste recurso estão, assim, a estabelecer-se novas identidades, identidades lusófonas em rede desenvolvidas no âmbito do processo de globalização.

Referências

- Almeida, O. T. (1997) 'Portugal via e-mail' in *Rio Atlântico*, Lisboa: Salamandra.
- Anderson, B. (1999) *Imagined Communities*, London: Verso.
- Appadurai, A. (2004) *Dimensões Culturais da Globalização (Modernity at Large. The Cultural Dimensions of Globalization)*, trad. Telma Costa, Lisboa: Editorial Teorema.
- Augé, M. (2005) *Não-lugares – Introdução a uma antropologia da supermodernidade (Non-Lieux)*, trad. Maria Lúcia Pereira, Campinas: Papirus Editora.
- Bauman, Z. (2003) *Comunidade – a busca por segurança no mundo actual (Community)*, trad. Plínio Dentzien, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Bhabha, H. (1997) 'Culture's In-Between' in Hall, S. & Gay, P. (1997) *Questions of Cultural Identity*, London: Sage Publications, pp. 53-60.
- Bhabha, H. (2004) *The Location of Culture*, London: Routledge (1992).
- Bolter, J. D. & Grusin, R. (2000) *Remediation – Understanding New Media*, Cambridge: MIT Press.
- Canclini, N. (1990) *Culturas Híbridas – estratégias para entrar y salir de la modernidad*, Mexico: Grijalbo.
- Castells, M. (2004) *A Galáxia Internet (The Internet Galaxy)*, trad. Rita Espanha, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Computer Industry Almanac (2002) 'Internet users by country' [www.c-i-a.com, acedido a 10/03/2009].
- Goffman, E. (1967) *Interaction Ritual*, New York: Anchor Books.
- Goffman, E. (1983) 'The Interaction Order' in *American Sociological Review*, vol. 48, no. 1, pp. 1-17.
- Hall, S. (2003) *Da Diáspora – Identidades e Mediações Culturais* (Org. Liv Sovik, trad. Adelaide La Guardiã Resende et al), Belo Horizonte: Editora UFMG e Brasília: Representação da UNESCO no Brasil.
- Hall, S. (2005) *A identidade cultural na pós-modernidade, (The Question of Cultural Identity)*, trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro, Rio de Janeiro: DP&A Editora.
- Hall, S. (2006) 'Identidade cultural e diáspora' in *Comunicação & Cultura*, n.º1, pp. 21-35.
- Oliveira, J. P., Cardoso, G. & Barreiros, J. J. (2004a) 'Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação' in Oliveira, J. P., Cardoso, G. & Barreiros, J. J. (org.) (2004) *Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação*, S. l.: Quimera Editores, pp. 15-25.

- Oliveira, J. P., Cardoso, G. & Barreiros, J. J. (2004b) 'A Internet na construção de uma cidadania participada' in Oliveira, J. P., Cardoso, G. & Barreiros, J. J. (org.) (2004) *Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação*, S. l.: Quimera Editores, pp. 75-105.
- Pratt, M. L. (1992) *Imperial Eyes: Studies in Travel Writing and Transculturation*, London: Routledge.
- Rheingold, H. (2000) *The Virtual Community: Homesteading on the Electronic Frontier*, Cambridge: MIT Press.
- Tönnies, F. (2001) *Community and Civil Society (Gemeinschaft und Gesellschaft)*, Cambridge: Cambridge University Press.